



TRAÇAR IDEIAS COMO ESTRATÉGIA DE FRUIÇÃO DA ESCRITA

Rozevania Valadares de Meneses César¹

Resumo

O objetivo do presente estudo é refletir sobre o processo de leitura e escrita de textos acadêmicos e científicos, considerando os principais requisitos básicos utilizados na sua elaboração. Serão mostrados os principais passos que ajudam a ordenar as ideias antes de escrever, bem como, sua forma estrutural de maneira padronizada. Será dada uma ênfase a respeito do uso da ética nas ações humanas, e, principalmente na elaboração de trabalhos e pesquisas acadêmicas e científicas. Reflete-se sobre o plágio tão presente nas produções dos alunos de graduação, pós-graduação e que permeia também no labor de grandes pesquisadores, não contribuindo para o avanço no campo científico. Por fim, este trabalho se desenrola a partir de três temáticas a saber: ideias conectadas e ordenadas, como estruturar um texto científico e ética e pesquisa em tempos de plágio. Conclui-se que a produção de artigos e textos acadêmicos exige: leitura, escrita, organização das ideias, planejamento, ética e rigor científico.

Palavras-chave: Leitura, Escrita, Produção textual, Ciência. Pesquisa.

1 INTRODUÇÃO

Pesquisas mostram que o ato de redigir é tarefa difícil, uma vez que tal proeza é resultado de dedicação, esforço e leituras realizadas anteriormente. Escrever é algo que vem da alma, como se fosse uma válvula de escape que necessita ser exposta para além do pensamento; contudo, o raciocínio deve ser lógico, pois, quem escreve está dizendo algo para alguém, portanto, o texto precisa ser objetivo e intencional.

Pensar no leitor é o principal propósito de quem escreve, afinal é este que vai julgar se o texto vale a pena ser lido ou não até o final. Um bom texto deve ter uma linguagem bem estruturada, argumentos convincentes, articulação e, acima de tudo, compromisso com a ideia que se pretende desenvolver.

¹ Professora de Educação Básica Mestranda em Educação | Linha 'Educação e Comunicação' – Universidade Tiradentes (PPED-UNIT). Graduada em Pedagogia – Faculdade Pio X. Graduada em História – Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: rozevaniavcesar@hotmail.com



Uma boa escrita exige um roteiro planejado, estruturado e um vocabulário adequado, dotado de aparatos gramaticais que ajudam a dar forma ao texto, afim de possibilitar para o leitor a compreensão da mensagem transmitida. O ato de escrever pode ser analisado sob duas vertentes, os que gostam, sentem prazer em disseminar suas ideias através da escrita, entretanto, os que não dominam tal arte, sentem-se angustiados e consideram o ato de redigir uma tortura.

No âmbito da academia, as produções científicas nem sempre correspondem ao nível esperado, pois textos dessa natureza não diferem dos demais no sentido de transmissão da mensagem, entretanto, exigem maior rigor, clareza, precisão, comunicabilidade e consistência. Um texto claro facilita o entendimento do leitor não deixando margem para interpretações ambíguas, por isso a linguagem deve ser clara e objetiva.

A precisão deve ser utilizada para mostrar ao leitor a relevância do tema e a conexão entre os parágrafos; quanto a comunicabilidade, deve ser direta, simples e lógica, afim de demonstrar continuidade nas ideias. E, por fim, a consistência que pressupõe coesão, coerência e fundamentação teórica.

Diante do explicitado, o presente estudo faz uma síntese de leituras realizadas durante um semestre, que versaram sobre o ato de ler e escrever textos científicos; ressalta-se que para esta análise, serão utilizados apenas três autores das obras pontuadas pela disciplina.

Nessa perspectiva, o objetivo desse artigo é refletir sobre o processo de leitura e escrita de textos científicos. Partindo desse pressuposto, a temática defendida neste artigo propôs analisar qual a melhor estratégia para que a escrita científica seja organizada conforme preconiza as normas estruturais de cunho científico

Como embasamento teórico, optou-se pelas abordagens de Boaventura (2002), que explicita sobre a importância de ordenar as ideias antes de escrever através de um planejamento sequenciado; Volpato (2015), que ressalta a respeito das bases teóricas e filosóficas da ciência para a escrita de textos e artigos científicos e Valentim (2012), que mostra a importância da ética em pesquisa e a



questão do plágio no âmbito das produções acadêmicas nas Universidades. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, pois, a fundamentação teórica foi retirada de material já publicado anteriormente, livros e artigos científicos.

2 IDEIAS CONECTADAS E ORDENADAS

Toda ação humana deve ser previamente planejada para facilitar o andamento das ações a serem realizadas e obter bom êxito. Para tanto, é necessário expor o pensamento de forma organizada, estruturada, reflexiva e planejada. Segundo Boaventura (2002, p. 7) “ a arte de bem exprimir o pensamento consiste em saber ordenar as ideias”. O segredo da escrita de um bom texto acadêmico ou não, consiste em colocar em ordem as ideias antes de anunciar o tema, isso chama-se ponto de partida.

É necessário pôr em ordem o que se pretende escrever para demonstrar coesão, coerência, clareza, objetividade e equilíbrio, pois no processo de escrita não migra de um tema para outro sem que haja transição entre as partes. Esse processo de transição é denominado de planejamento.

Elaborar o plano é fixar a ordem do desenvolvimento da exposição, uma vez que ele não é outra coisa senão previsão. Dispor as ideias de maneira que se tornem um instrumento eficaz para o expositor. O plano é o itinerário a seguir: “um ponto de partida”, onde se indica o que se quer dizer, e “um outro de chegada”, onde se conclui. Entre os dois, há as etapas, isto é, “as partes” da composição. Construir o plano é, em última análise, estabelecer as divisões. (BOAVENTURA, 2002, p. 7)

Depois do anúncio do tema, é hora de partir para a introdução, esta deve ser comparada a um convite atrativo, por isso, deve ser bem elucidado, afim de provocar o leitor, no caso da escrita ou o ouvinte, em eventos como seminários, palestras ou outras apresentações verbalizadas. Uma boa introdução demarca aspectos como o pensamento ordenado do escritor e os propósitos que ele deseja alcançar, portanto, a função da introdução é anunciar de forma instigante e organizada o que irá abordar no desenvolvimento.

Os receptores, ouvintes e leitores carecem de algo que lhes dê o sentido geral do tema. Não esquecer que se está num mundo de múltiplas solicitações e atenções que, de repente, convergem para o autor, para o que está dizendo ou escrevendo. É preciso facilitar a



Nenhuma temática pode ser esclarecida de forma global; para facilitar a compreensão elege-se o foco da temática fragmentando-os. Nesse sentido, Boaventura (2002, p. 25) explicita que “o desenvolvimento do corpo do assunto deve ser feito por partes. Dividir o assunto como se dividem as dificuldades em parcelas, para torná-lo mais comunicativo”.

Ressalta-se que a introdução é o momento de expor as ideias de modo atrativo e significativo; para o desenvolvimento, recomenda-se que seja dividido em duas ou três partes para facilitar a explanação. Todo texto possui subdivisões, estas devem ser bem estruturadas para evitar repetições do que já foi mencionado anteriormente e equilibrar a ligação entre as partes tornando o texto ou exposição oral conectados sem perder o foco da discussão.

A ideia principal de um texto ou palestra, deve ser concluída de forma harmônica, clara e precisa, pois, toda a problemática discutida anteriormente, termina na conclusão, ela é o ponto final da discussão, que responde de forma marcante o que foi proposto na introdução.

A conclusão é o ponto de chegada, como a introdução é o ponto de partida. Concluir é responder. Responder em síntese conclusiva e marcante, atingindo o tema central, já desenvolvido, com o máximo de precisão e de ênfase. O assunto que vinha sendo trabalhado, canalizado no plano, desemboca na conclusão e alarga-se. (BOAVENTURA, 2002, p. 43)

Uma boa conclusão deve ser clara, breve e sustentar o que foi levantado anteriormente dando possíveis soluções ao problema tratado na discussão. Em síntese, a conclusão é a resposta dada aos questionamentos introdutórios e ao mesmo tempo, deixa a problemática em aberto para posteriores acréscimos.

3 COMO ESTRUTURAR UM TEXTO CIENTÍFICO?

O texto científico é um conjunto de enunciados, que objetiva mostrar o resultado de uma pesquisa, por essa razão, deve apresentar consonância, congruência e exatidão na exposição das ideias. As palavras devem ser escritas de forma intencional e sem deixar ambiguidade. É um tipo



textual destinado a uma comunidade científica, portanto, as informações nele expressas devem ser bem estruturadas, afinal, não é permitido que textos dessa natureza fujam dos preceitos científicos.

Os textos científicos seguem padrões preestabelecidos, por isso as informações devem ser explícitas e precisas, obedecendo a norma gramatical, e o rigor científico. No Brasil, as normas são determinadas pela Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT); nela são apresentados os padrões necessários para a escrita das produções no âmbito da academia.

Também, existem métodos e técnicas que ajudam a melhorar a escrita de textos científicos: o método lógico é um deles. Pensado para ajudar estudantes e pesquisadores, propõe o uso das bases teóricas e filosóficas da ciência para resolver dúvidas que surgem enquanto se constrói um texto científico”, (VOLPATO, 2015, p. 25)

O objetivo do método lógico é propor aos estudantes e pesquisadores, uma maneira organizada de escrever sustentando o discurso científico sem “fugir” da temática discutida. Um texto bem estruturado deve ter argumentos, ideias sequenciadas e conectadas que são delineadas pelo autor através do planejamento e pensamento lógico evitando ambiguidade. Nessa perspectiva é importante observar que:

O Método Lógico foi concebido para lhe dar as duas coisas: lógica e arte. Ele não lhe dá regrinhas, mas direções que servem de guia para suas audácias. Fornece guias macros que devem ser recheados pelo produto de sua formação científica. É esse processo formador-produtor que me fascina no Método Lógico. (VOLPATO, 2015, p. 26).

Além do método lógico, Volpato (2015, p. 27) elaborou um esquema macro sequenciado, segundo ele, facilita para a redação da escrita científica e funciona da seguinte forma: primeiro escolhe e executa a pesquisa certa; em seguida, encontra a história; depois entende a história; planeja; redige o texto, e por fim, submete o manuscrito e acompanha a apreciação científica.

Para que o artigo seja estruturado cientificamente, não basta seguir um esquema, é necessário saber o que é ciência e como tratar determinados assuntos cientificamente. “A ciência pode ser conceituada segundo alguns referenciais dos quais considero dois os mais relevantes: a) a



forma como construímos o conhecimento e b) o conjunto de conhecimentos produzidos” (VOLPATO, 2015, p. 28).

Tanto a ciência, quanto outros sistemas humanos buscam compreender, explicar ou dar sentido as coisas ou fenômenos e para isso, utilizam sistemas sustentados em bases empíricas.

No discurso científico, o conhecimento necessita de base sólida, vinda de elementos do mundo natural. Essas bases entram no mundo do cientista por meio de suas vias perceptivas, interagindo com seus conceitos e preconceitos. Portanto, elas determinam as conclusões do cientista, mas são o ponto de início para que ele as construa. (VOLPATO, 2015, p. 30)

Os resultados encontrados numa pesquisa são apresentados em primeira instância a comunidade científica. Existem duas formas de o pesquisador chegar ao resultado, utilizando métodos e técnicas quantitativas ou qualitativas; na maioria das vezes as bases empíricas estão sustentadas em outros autores que devem ser referenciados na pesquisa.

No processo de construção de produções científicas há a necessidade de publicar em revistas internacionais, para tanto, é de suma importância saber qual é o diferencial dessas revistas e como são classificadas quanto ao nível. Revistas bem-conceituadas exigem produções bem estruturadas de acordo com o que rege a comunidade científica.

As revistas internacionais são classificadas em dois níveis: da especialidade e supraespecialidade. Isso ocorre porque:

Revistas internacionais da especialidade são aquelas conhecidas e respeitadas na especialidade, mas que pessoas de outras áreas (especialidades) não conhecem. Nessas revistas os editores (e revisores) se preocupam muito com detalhes da pesquisa desenvolvida, mas nem sempre têm a percepção das grandes ideias. Podem deixar de publicar um belo estudo por discussões pormenorizadas de vício de área. (VOLPATO, 2015, p. 32)

Nesse sentido, é necessário fazer um levantamento das revistas antes de enviar uma pesquisa científica, pois, às vezes a submissão e aceitação de um artigo ou qualquer produção de cunho acadêmico depende de quem analisa a pertinência das ideias contidas. Pensando assim, o correto é buscar:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Revistas internacionais supraespecialidade são as que publicam artigos de várias especialidades. Com isso, o corpo editorial tem uma visão mais ampla de ciência e fica mais interessante discutir com esse grupo. Os principais exemplos dessas revistas gerais são *Nature*; *Science*; *Nature Communications*; *PNAS – Proceedings of the National Academy of Science, USA*; *Science Advances* e *PLOS ONE*. (VOLPATO, 2015, p. 32).

Com esse olhar, nota-se a necessidade de o pesquisador produzir artigos de boa qualidade e escolher o nível de revista que melhor se adequa a sua especialidade. Volpato (2015, p. 33), alerta para quatro requisitos que devem ser observados numa produção científica de boa qualidade: novidade das conclusões, metodologia robusta, resultados evidentes e apresentação impecável.

Outro aparato de fundamental importância na produção científicas, são as variáveis; aqui compreendidas como algo que possa ser pesquisado na ciência empírica e são classificadas segundo Volpato (2015, p. 34) em: teóricas -caracterizam-se como o ponto de partida da pesquisa; operacionais - são as ramificações do objeto de pesquisa; independentes - não necessita de outra variável; dependentes - sofre a ação da primeira, independentes; necessárias – sem elas, a pesquisa não flui; suficientes – fecham o” X “da questão. A função de cada variável, é identificar qual a melhor metodologia a ser aplicada.

Assim, a escrita acadêmica agrega métodos e técnicas que ajudam a estruturar a redação científica por meio dos tipos lógicos de pesquisa, que são a base para o desenvolvimento de um bom raciocínio. Para facilitar, Volpato (2015, p. 39), resume: pesquisa descritiva – descreve, caracteriza; pesquisa de associação COM interferência entre variáveis – quando uma interfere sobre a outra; pesquisa de associação SEM interferência entre variáveis – uma variável não interfere na outra.

Redigir um texto científico não é tarefa simples, por isso, o pesquisador deve criar estratégias para alcançar os objetivos desejados; também é necessário situar a pesquisa num contexto, sendo estes de descoberta ou de justificação. O primeiro refere-se a proposta de pesquisa e o segundo busca validar a pesquisa por meio das evidências. Um bom texto científico deve ser fundamentado em argumentos contundentes. Portanto:

Um argumento é composto por premissas e conclusão. Ele pode ser dedutivo ou indutivo. O que é importante disso para a redação científica é que um bom argumento deve ter premissas suficientes para sustentar as conclusões e não deve conter premissas fracas e nem



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

premissas em excesso. Conhecendo as premissas, elaboramos as conclusões. (VOLPATO, 2015, p. 48).

Dentre as ideias mostradas no guia para redação de artigos científicos Volpato (2015, p. 50 – 55), cita a pirâmide lógica - um esquema que ajuda a organizar as informações a partir da base empírica e funciona como uma espécie de alicerce que sustenta os resultados de uma pesquisa; mostra o que mudou no ambiente científico e da comunicação concernente a produção de cunho científico.

Elenca que as mudanças foram percebidas principalmente no ambiente das publicações, pois com o advento da internet houve um aumento nas divulgações. Segundo Volpato (2015, p. 52), “ o número de artigos disponíveis aumentou. Mesmo aqueles de revistas menos conhecidas, de países sem tradição em ciência, começam a aparecer”. Os leitores também mudaram com o surgimento da internet, preferem ler na tela, pois os textos são menos densos. Já as revistas e os artigos ganharam uma nova “roupagem”, agora possuem um novo formato, digital.

Também é importante atentar para a redação que apresenta características fundamentais, no caso do estilo científico internacional o autor adverte:

Redija na primeira pessoa (Eu, para um autor; Nós; para mais de um autor). A base disso é que ao escrever no impessoal, particularmente na elaboração das conclusões, estará afirmando que essas conclusões não dependem da pessoa que examina os dados. Isso pressupõe uma objetividade científica abandonada há mais de um século (um positivismo radical). Os dados não determinam as conclusões. Eles são “lidos” pelos cientistas para elaborar as conclusões. (VOLPATO, 2015. p. 60)

O autor explicita que a arte de uma boa redação requer não dizer, demonstrar, eliminar informações desnecessárias, sustentar os resultados estatísticos, caso tenha usado, vocabulário simples, frases ordenadas, informações de maior relevância colocar no final da frase, primar por frases curtas, usar argumentos tanto na introdução, quanto na discussão, ter cuidado ao usar pronomes para não causar dupla interpretação, manter o foco, usar os adjetivos de forma evidente, tempos verbais consistentes e, por fim, ter cuidados com o uso dos jargões.

Segundo o Guia Prático de Volpato (2015, p. 64), as partes de um artigo científico são: título, autores, autor de correspondência, autores com igual participação no trabalho, endereços,



highlight, resumo, introdução, métodos, resultados, discussão, conclusões, material suplementar, participação de cada autor, referências e agradecimentos.

4 ÉTICA E PESQUISA EM TEMPOS DE PLÁGIO

Pesquisar é elaborar novos conhecimentos embasado em outros já existentes. No âmbito da academia, tal prática faz parte do labor do estudante pesquisador, sendo assim, a pesquisa deve ser sistematicamente planejada, com compromisso, seriedade, rigor e ética, afinal os resultados obtidos devem ser direcionados para novas descobertas no intuito de ajudar a resolver problemas num determinado contexto científico.

Ressalta-se que os termos moral e ética muitas vezes são utilizados como sinônimos, entretanto há uma distinção entre eles. Cotrim e Fernandes (2010, p. 291) afirmam que: “A palavra moral vem do latim *mos*, *mor-*, “costumes”, e refere-se ao conjunto de normas que orientam o comportamento humano tendo como base os valores próprios a uma dada comunidade ou cultura”. Considerando que as comunidades são diferenciadas, tanto no tempo quanto no espaço, os valores também divergem.

A ética está relacionada aos valores bons assimilados pelo indivíduo que ao interiorizar, contribuirá para um bom relacionamento na sociedade. “A palavra ética, por sua vez, vem do grego *ethikos*, “modo de ser”, “comportamento”. Portanto, etimologicamente os dois termos querem dizer quase a mesma coisa”. (FERNANDES 2010, p. 291)

A ética aplicada a pesquisa refere-se à produção de “novos” conhecimentos que o pesquisador elaborou utilizando saberes acumulados, métodos e técnicas, rigor científico e os direitos autorais utilizados. Portanto:

A ética em pesquisa passou a ser um tema importante no meio acadêmico-científico, uma vez que se constata, cada vez mais, que estudantes de graduação, estudantes pós-graduandos e docentes/investigadores não a tem praticado. Observam-se práticas de pesquisa e de publicação que não se apoiam nos princípios éticos necessários ao avanço do conhecimento científico de uma determinada área de investigação. (VALENTM, 2012, p.193)



Aqui, cabe analisar os seguintes pontos: os estudantes de graduação, geralmente, não são orientados nas séries anteriores como proceder eticamente no âmbito da pesquisa. Na era da tecnologia, é comum os estudantes utilizarem trechos de textos, ideias de autores para construção de suas pesquisas sem sequer citar o site de onde foram extraídas tais informações.

Nos cursos de graduação, os alunos são orientados desde o primeiro período como proceder ao fazer uma pesquisa; alguns assimilam, outros, preferem fazer da maneira mais “fácil”, copiam e colam sem mencionar as fontes. Os estudantes de pós-graduação conhecem as normas e regras das produções científicas, mesmo assim, são detectadas produções com indícios de que não agiram de forma ética.

Quanto aos docentes investigadores, tal prática não deveria acontecer, pois sabem os riscos que correm, principalmente junto aos órgãos públicos que financiam pesquisas científicas. Olhando para essa problemática, “no Brasil, a ética em pesquisa também tem sido foco de debate. Alguns casos de plágio envolvendo pesquisadores de diferentes níveis tem ocorrido recorrentemente, indicando a necessidade de a sociedade científica refletir sobre a situação”. (VALENTIM, 2012, p.199)

Segundo Valentim (2012) plágio é apropriação da ideia de alguém sem mencionar o autor. Em outras palavras, é a compilação da produção de outra pessoa sem dar a devida creditação. A prática do plágio se configura como crime com amparo legalizado.

Pesquisas acadêmicas plagiadas em nada contribuem para o crescimento das produções científicas. Nesse sentido, as citações extraídas de outras publicações servem para dar sustentação a temática desenvolvida e ajudam a confrontar ideias. Por isso, antes de escrever é necessário ler obras literárias, artigos acadêmicos, dissertações, teses e pesquisar em sites seguros para dar originalidade e credibilidade ao que produziu.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS



O objetivo desse artigo foi refletir sobre o processo de leitura e escrita de textos científicos. É sensato afirmar que o processo de construção textual requer raciocínio lógico, domínio no emprego das palavras, ideias ordenadas, comunicação clara e precisa, prévio planejamento e conhecimento das regras e normas usadas na produção da escrita científica. Desse modo, para a escrita de textos em todos os âmbitos, o primeiro passo é deleitar-se nas leituras, afim de adquirir argumentos necessários para fundamentar com precisão o que pretender escrever.

Concluimos que a ética é imprescindível em toda ação humana e no contexto da academia não difere, entretanto, muitos estudantes e pesquisadores ainda não perceberam a importância de praticá-las, pois são evidenciadas práticas dessa atividade ilícita nas escritas científicas com fortes indícios de plágio.

Para o desenvolvimento desse estudo, foram lidos três autores que tratam da leitura e escrita, produção de artigos científicos e a questão da ética na área científica. Ficou evidenciado que para produzir uma boa redação científica ou não, é necessário ler e escrever, pois ajuda a desenvolver as ideias, sem ela, não há planejamento nem guia que funcione.

REFERÊNCIAS

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia** / Gilberto Cotrim, Mirna Fernandes. – 1. Ed. – São Paulo: Saraiva, 2010.

BOAVENTURA, Edivaldo. **Como ordenar as ideias**. 8. Ed. São Paulo: Ática, 2002.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim Valenti. **Ética em Pesquisa: a questão do plágio**. Trabalho apresentado no IX Encuentro de Directores y VIII de Docentes de Escuelas de Bibliotecologia y Ciência de la Información del Mercosur, realizado de 3 a 5 de outubro de 2012.

VOLPATO, Gilson Luiz. Estrutura do método lógico. In. **Guia prático para Redação Científica**. São Paulo: Best Writing, 2015. P. 25-27.

VOLPATO, Gilson Luiz. Background do método lógico. In. **Guia prático para Redação Científica**. São Paulo: Best Writing, 2015. P. 28-70.



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O